Dos modos de gozo: a mística, a escrita e a ética da psicanálise

Fábio Santos Bispo

introdução

Para tratar do gozo em Lacan, há um leque extenso de possibilidades. Aqui, será retomada inicialmente a questão do impossível da relação sexual e, seguindo sua reflexão no *Seminário – livro 20: Mais, ainda*[1], serão traçadas algumas diferenciações entre os modos de gozo que se inscrevem no regime fálico, de um lado, e no mais além do fálico, no qual Lacan situa o feminino, de outro. Posteriormente, serão indicados os modos por meio dos quais a experiência mística e a experiência da escrita podem ser relacionadas com o gozo, e, principalmente, como a psicanálise propõe seus efeitos no que diz respeito ao seu tratamento.

[1] Lacan. *O Seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973/1991).

Há, então, a mística situada no campo do que é a pura experiência (não considerados aqui os discursos que se organizam em torno dela); a escrita como algo que demarca um litoral, que está na divisa entre o que é do real e do simbólico, entre o que é da experiência e do gozo da letra, e o que, na linguagem, volta-se para a comunicação e para o sentido; e, por último, a escrita da psicanálise como campo que se articula em uma formalização discursiva diferenciada, mas que não deixa de abarcar o campo da prática e nela incutir as suas marcas.

dos modos de gozo

Lacan diz que o impossível da relação sexual se situa exatamente pelo caráter fálico do gozo: a mulher é *não toda* para o homem. Isso quer dizer que o gozo do corpo do Outro sexo é marcado pela impossibilidade, factível quando se considera que o homem goza do próprio órgão, algo que se constitui como barreira para a relação sexual.

Há, porém, que se falar do que é o gozo, definido pela pura negatividade, pelo que não serve para nada. Situado o terreno do Outro, que simboliza o gozo, pode-se evocar o ponto de onde parte a sua causação. É o ponto de falha no Outro que o impulsiona. Quanto à pulsão, os exemplos freudianos, como

o *Fort-Da,* podem ser bastante elucidativos. Porque mantém o fracasso da satisfação no âmbito do real, a brincadeira se repete. É a falha do simbólico, do jogo simbólico com o carretel que engendra a necessidade lógica da repetição, que não deixará de ser inútil de um lado, e útil de outro. O ponto de interseção entre o simbólico e o real é, como se vê, o ponto *a* de onde emana o jogo de forças. Sendo de interseção, o é de duas posições ou registros distintos, uma vez que eles não se reúnem no Uno, nem se complementam ou se fundem.

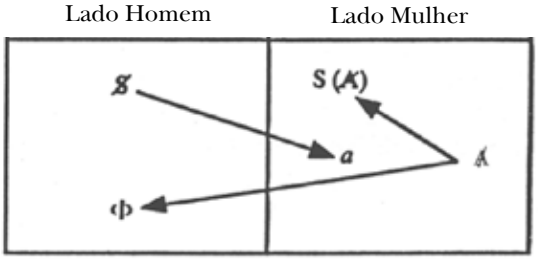
Uma pergunta, porém, ainda pode ser feita diante dessa configuração: algum ponto de *real-ização* é atingindo, a despeito dessa hiância?

O ser é o gozo do corpo, assexuado como tal, pois o gozo sexual está marcado pela falta. Pela distância. Ao visar à Mulher – e que não existe, é *não-toda* para o homem – o homem vislumbra apenas esse ponto que escapa, que está aquém do revestimento imaginário, ou seja, esse ponto que é justamente o corpo da mulher e que pode ser escrito como objeto *a*.

Mas e do lado da mulher? O lado feminino se conta no *um a um* – ou *uma a uma*, por se tratar de mulher. Lacan evoca d. Juan para demonstrar seu sucesso ao olhar para cada uma. Nele, o ser sexuado não passa pelo corpo. D. Juan ultrapassa o gozo idiota, fálico, e ocupa o ponto denso que marca a falta decorrente desse gozo do corpo do Outro S(Ⱥ).

Nas tábuas da sexuação (Figura 1), essa articulação é clara. A seta liga o sujeito dividido do lado masculino ao objeto *a*. O homem, visando à Mulher, atinge o pequeno *a* como causa de desejo. Isso lembra o matema da fantasia. A vertente de gozo que lhe resta é a vertente do Φ. A mulher, por sua vez, experimenta, além do gozo fálico, o outro gozo – que, na verdade, não chega a ser *um* outro gozo, mas aquilo que está para além do fálico –, que servirá aqui de suporte para um dos modos da experiência mística.

Figura 1 – Tábuas da sexuação[2]



[2] Lacan. *O Seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973/1991, p. 105).

O ser, no que diz respeito ao gozo, é rebelde, vale dizer, não é subserviente ao predicado na frase. Denuncia a falha, na referência ao ser falante, de dizer que *Ele é* algo. O predicado, aqui, só pode apontar para o infinito, para a extensão infinda da compulsão à repetição. Trata-se desse momento do ser mergulhado no gozo que aponta para o impensável, o indizível, o infindo, o Real, o *mais, ainda...* Vejamos, então, que é nesse momento que pode ser introduzido o que se denomina gozo místico.

do gozo místico

O gozo místico é aquele que, ao apontar para a inconsistência do Outro, que serviria de álibi no simbólico para a sustentação do ser, para a constituição do gozo na série dos significantes, ultrapassa a vertente fálica. Esse outro gozo, que é uma invasão de gozo para mais além do princípio do prazer, articula-se com o feminino. A mulher é solitária nesse gozo porque, não estando *toda* na vertente fálica, participa da vivência devastadora da falta do Outro, que se mostra impotente perante seu ser, isto é, incapaz de conter todo o seu excesso.

Estruturação semelhante pode ser apreendida no êxtase místico, mas como articular isso ao redor do que a filosofia oriental costuma dar voltas? É possível, aliás, retornar isso como uma questão básica de toda filosofia. O que Kant articula a propósito da metafísica, que o pensamento é impotente diante da *coisa em si*, serve de exemplo. O mesmo que Freud introduz no nível de *Wahrnehmungszeichen,* ou traços de percepção, cujos registros são anteriores à estruturação do inconsciente como linguagem.

O movimento que precede o êxtase místico é uma insistência na vivência, pura vivência dessa impossibilidade de representação da coisa, da impossibilidade da relação sexual. Isso equivale a experimentar a falta do Outro no que tange à pura ausência de significado, como se houvesse uma regressão para o período anterior à extração do S_1 e à organização da cadeia da linguagem. Anterior, portanto, à eficácia e à determinação simbólicas. Nesses termos, a experiência mística equivale à experiência do buraco, da falta no Outro de onde emana a compulsão que está além do princípio de prazer, pois este ainda está articulado ao gozo do corpo como gozo fálico, mesmo que seja prazer para um dos sistemas e desprazer para o outro. A experiência mística, portanto, foge à determinação simbólica, algo que se costuma chamar de transcendência. Assim, o que isso, ao se dirigir para o ponto negro da falta, não só transcende, mas

transpassa é a própria organização da cadeia simbólica. Trata-se de uma experiência de devastação.

A sustentação da tensão em seu mais alto nível suporta também um caminho para esse gozo. Sustentação no nível de repetição que é sempre mais... *mais, ainda.* Ou então, contrariamente, sua redução drástica. Como exemplo, pode-se aludir à tentação de Jesus no deserto, na qual sua experiência mística atinge o ápice após quarenta dias de jejum. A abstinência radical do gozo fálico – da satisfação da carne, do corpo, como volúpia na ingestão do pão de cada dia – o conduz a um gozo muito distinto. Um gozo quase mortífero. Assexual. Que haja experiências místicas que não ultrapassam a dimensão de prazer, que não têm esse mesmo tom agudo de devastação, é algo que aparentemente não se pode negar. Mas o que se articula aqui com o outro gozo, o gozo feminino, é algo da ordem de uma devastação. Resta-nos, então, ainda a tarefa de discriminar nesses pontos de êxtase os gozos que articulamos.

Dois caminhos distintos estão delineados para a assunção desse êxtase, para o toque no real que é a experiência mística. Um do lado masculino, outro do lado feminino. O exemplo de Jesus aponta para esse impossível do gozo partindo da vertente fálica. Mas ele chega em algum lugar? Parece que sim. Ele goza, mas ainda se oferece ao Pai. Os anjos celestiais ainda conseguem conter um pouco o gozo que lhe atravessa. É algo disso que existe em alguns ritos que visam à transcendência, entre os quais o da transcendência pela dor. Neles, o aspirante à experiência mística faz uso de algum artifício que a precipite.

Esse caminho de assunção do êxtase, todavia, não se isenta de ser logo incluído no regime fálico. Quando é induzido por drogas, por exemplo, é factível que gere uma compulsão, tornando-se algo que *não pára de se escrever,* ou seja, passa a ser sempre mediado por algo que adquire um sentido e é capturado na rede de significantes. O importante a reter aqui é o fato de que ele é perseguido, induzido, ao passo que a vertente do gozo místico por excelência, cujo ícone, para Lacan, é Santa Teresa d'Ávila, é, mais que espontânea, quase imposta e entra no regime da necessidade de algo que *não pára de não se escrever.*

da escrita

Pode-se propor ainda um paralelo da experiência mística com a experiência literária, na qual essa diferenciação também se sustenta. Arriscaria dizer que, quando *uma mulher* escreve – no caso, por exemplo, de uma Clarice Lispector ou uma Sylvia Plath –,

ela se derrama com a escritura, ou seja, escreve na tentativa de conter o gozo que lhe atravessa. Assim, coloca o seu ser na pena. É importante lembrar, contudo, que *uma mulher* aqui tem um sentido muito preciso, relacionado com um modo de gozo articulado por Lacan nas tábuas da sexuação (Fig. 1). Assim, quando há referência a uma escrita feminina ou masculina, ou quando se fala de poetisa, por exemplo, a referência é, estritamente, o modo como o gozo extraído da experiência literária se inscreve na fórmula lacaniana, sem correspondência de gênero ou, menos ainda, anatômica.

Para ilustrar, então, esse caráter de transbordamento da escrita, evoquemos o caso de Joyce, tal qual Lacan o lê no *Seminário – livro 23: O sinthoma*, ao demarcar o fenômeno que ele chama de 'palavras impostas': "é difícil não ver que uma determinada relação com a palavra lhe é cada vez mais imposta, até o ponto em que ele termina por dissolver a própria linguagem"[3].

[3] Lacan. *O Seminário – livro 23: O sinthoma* (1975-1976).

Enquanto uma mulher escreve com o ser, em uma dissolução da ligação com o sentido, o homem escreve para o mundo. Ele deposita no horizonte a possibilidade do Gozo Absoluto, do Gozo do Outro, ao passo que a mulher extravasa a vivência da impossibilidade. Se algum caminho é percorrido pelo homem, elevando ao máximo a tensão sexual, é porque ele precisa de algo que mantenha essa tensão para vivenciar o gozo fálico em seu limite. Evocando o provérbio latino *post coitum homine animal tristis est*, que, traduzido em bom português, quer dizer *depois de foder, todo animal fica triste*, pode-se dizer que, para o homem, isso se realiza com a detumescência do pênis, isto é, a vivência da castração e da impossibilidade no gozo fálico. Dito de outro modo, o homem atinge a falha de $\not A$ pela vertente fálica do gozo. O poeta não tenta conter o gozo com a escrita; tenta atingi-lo. A poetisa, em vez disso, parte dessa vivência da falta e a lança no texto.

É por esse caminho, então, que se pode distinguir um James Joyce de um Guimarães Rosa, para além do que pode ser suposto de uma possível estruturação psicótica no primeiro. Existe algo no regime do uso da escrita, do manejo das palavras, que os aproxima, entretanto o percurso de Joyce parece ser partidário de um corte cada vez mais radical com o campo do sentido. Guimarães Rosa, por outro caminho, estica a linguagem, propõe neologismos, inventa, mas para abarcar na escrita um gozo de sentido de que a fala do povo mineiro está impregnada – "alturas de urubuir..." –, constatando-se uma transgressão da escrita no sentido de alcançar algo que a norma culta deixa escapar, ou seja, quer circunscrever na escrita um gozo que só era dado à fala, mas que também não *pára de não se escrever*.

O que, portanto, há de distinto entre esses dois modos de acesso ao gozo é algo muito sutil conceitualmente, porém revestido de notável efeito. Há o místico que experimenta um gozo do qual só lhe é dado falar com as expressões-limite do simbólico – inefável, insondável, inescrutável... –, como em Santa Teresa d'Ávila; e há também o místico que tenta, se esforça, se mata para alcançar esse mesmo gozo, que é quase imposto no primeiro caso. Do mesmo modo, no tocante à escrita, a dimensão de necessidade que pode ser demarcada em uma escrita que aqui denominamos feminina está posta desde algo que *não pára de não se escrever*, denunciando, de saída, a ineficácia do simbólico. A escrita se faz presente para conter, acolher o gozo. Em contraponto, existe a escrita de um gozo que, partindo do fálico, tenta agregar em si o mesmo potencial de infinitude que está imposto na primeira. Como diz Lacan: "Nada é mais distinto do vazio escavado pela escrita do que o semblante. O primeiro [o vazio escavado pela escrita] é receptáculo sempre pronto a *acolher o gozo*, ou ao menos a *invocá-lo em artifício*"[4].

[4] Lacan. Lituraterre. (1971/1987, p. 13, grifo nosso).

de uma ética da psicanálise

O que podemos finalmente destacar são os efeitos que a psicanálise é capaz de promover em sua atuação. O valor clínico da escrita desses pontos-limite do simbólico – *a*, *S*, Φ – é notável por ser capaz de ir além da fala e do sentido. "Isto tem o valor de centrar o simbólico, com a condição de saber servir-se disso, para quê? – para reter uma verdade côngrua, não a verdade que pretende ser toda, mas a do semi-dizer [...], a verdade que se põe em guarda desde a causa do desejo"[5].

[5] Lacan. *O Seminário – livro 20: mais, ainda* (1972-1973/1991, p. 126).

Do modo como a psicanálise aborda o falo, como causa de desejo, ela *pára de não escrevê-lo*, que é o ponto que se convém chamar de contingência. "É enquanto modo do contingente que ela pára de não se escrever. A contingência é aquilo no que se resume o que submete a relação sexual a ser, para o ser falante, apenas o regime do encontro"[6]. É ao fazer o sujeito se despir de sua subserviência ao significante, com sua ligação necessária ao campo do Outro, que a análise possibilita que ele use essa marca propiciada pela língua de modo absolutamente singular. De modo que a necessidade engendrada pelo excesso de gozo – que Lacan chama de entropia no *Seminário – livro 17* –, abre-se para o contingente, isto é, abre-se para a possibilidade de uma escrita que poderá servir à situação, lá de onde tratará de expressar seu próprio relato e realizar seu próprio *ser no mundo*. Onde antes funcionava o objeto *a* como *plus-de-jouir*, a psicanálise se propõe a sustentá-lo operando como *causa de desejo*.

[6] *Ibid.*, p. 127.

Ao abordar o gozo na clínica, a psicanálise não deixa de ocupar uma posição feminina. O analista se oferece para o sujeito como um suporte, uma contenção, um acolhimento para o seu gozo, para que, a partir disso, constitua-se um saber lidar com o gozo que seja capaz de prescindir da figura do analista e do álibi do Outro. Uma análise, portanto, propõe-se levar o sujeito a responsabilizar-se por seu gozo. Não por acaso, a articulação sobre a posição da mulher se aproxima do que pode ser enunciado sobre a ética, pois Lacan articula que, ao menos para o homem, a mulher e a verdade são a mesma coisa, no sentido de que a mulher é *não-toda* para o homem. A psicanálise apenas explicita que a verdade é *não-toda*, e considerar isso é o modo que tem de operar para manter seu dinamismo.

Por outro lado, a escrita da clínica não deixa de ocupar a posição do escritor que estica a linguagem ao máximo, a ponto de tocar em algo que ex-siste ao simbólico. Nesse sentido, a teoria da clínica está sempre um passo aquém da *práxis*, visto que *só-depois* ela tenta atingir uma formalização de algo que a prática já tem em seu início: os efeitos possíveis para o analista no tratamento que oferece para o gozo. Ainda assim, pode-se dizer que a contribuição psicanalítica ao campo da ética comporta essas duas faces. Trata-se de uma contribuição no campo do saber menos como um sistema conceitual do que como uma possibilidade de escrita no simbólico com efeitos na *práxis* humana.

Bispo, Fábio Santos. A ética do analista e o discurso da psicanálise. Anais do VI Fórum Mineiro de Psicanálise. São João Del Rey, 2006. CD-ROM.

Branco, Lúcia Castello. Por graça da textualidade. Disponível em http://www.geocities.com/ail_br/porgracadatextualidade.htm. Acesso em 14 de agosto de 2006.

Freud, Sigmund. (1892-1899). Carta 52. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. I.

Freud, Sigmund. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVIII.

Lacan, Jacques. (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Lacan, Jacques. *O Seminário – livro 17: O avesso da Psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

Lacan, Jacques. (1971). Lituraterre, *Ornicar? Revue du champ freudian*, Paris, n. 41, 1987.

Lacan, Jacques. *O Seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

Lacan, Jacques. *O Seminário – livro 23: O sinthoma* (1975-1976). Inédito

Mazzuca, Roberto; Schejtman, Fabián & Zlotnik, Manuel. *Las dos clínicas de Lacan. Introducción a la clínica de los nudos*. Buenos Aires: Editorial Tres Haches, 2000.

Miller, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo, *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 11, 1994.

Miller, Jacques-Alain. O último ensino de Lacan, *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 35, 2003.

Miller, Jacques-Alain. Peças soltas. *Orientação Lacaniana III*, Paris, n. 6, novembro de 2004.

resumo

Aborda-se a formalização lacaniana do gozo a partir da questão do impossível da relação sexual, traçando-se algumas diferenciações entre os modos de gozo que se inscrevem no regime fálico, de um lado, e no mais além do fálico, de outro. Em seguida, são indicados os modos pelos quais a experiência mística e a experiência da escrita podem ser relacionadas com o gozo e, principalmente, como a psicanálise propõe seus efeitos no que diz respeito ao seu tratamento. Há a experiência que, pela vertente do simbólico, busca atingir os limites até um ponto de gozo inefável e um gozo que excede e é dificilmente contido pelo simbólico, seja na leitura ou nos relatos dos místicos, seja em certo modo de escrita.

palavras-chave

gozo, fálico, místico, feminino, escrita, ética

abstract

In this article the lacanian formalization of the enjoyment will be boarded from the matter of the impossibility of the sexual relation by tracing some differentiations among the enjoyment models that inscribe themselves in the phallic regimen, in one side, and in the more beyond of the phallic from another. Later on it will be indicated how the mystical experience along with the writing experience can be related to the enjoyment and, mainly, how psychoanalysis considers its effect in regard of its treatment. There is the experience that, through out the symbolic source, tries to achieve the limits that goes until a point of ineffable enjoyment, and an enjoyment that exceeds and that is hardly contained by the symbolic, either in the reading or in mystic's stories, or in a certain way of writing.

key words

enjoyment, phallic, mystical, feminine, writing, ethics

recebido
15/08/2006

aprovado
10/10/2006